

TRÊS PERGUNTAS PARA... ÂNGELA BRANCO E SÍLVIA LORDELLO

Sem o menor sentido pedagógico

Especialista em psicologia escolar do desenvolvimento, a professora da UnB Ângela Branco é contrária à transmissão de imagens e ao uso de câmeras de vídeo em salas de aula e áreas comuns das escolas. De acordo com ela, a prática se resume a um exercício de poder dos pais e que pode prejudicar o bom desenvolvimento da criança.

A transmissão de imagens em tempo real do filho na escola é positiva?

Acho uma coisa sem o menor sentido pedagógico. Para mim, é brincadeira com o controle. É mais uma manifestação da cultura do *Big Brother*. É claro que a tecnologia para monitorar os passos de todos existe, mas não dá para usar em tudo o que der na telha. No momento em que passamos a usar tecnologia moderna para aumentar o controle, o grau de desenvolvimento do sujeito fica comprometido, assim como a criatividade para o surgimento de novas técnicas de ensino.

Não serve nem para confiança?

Se não acreditamos que o profissional tem condições de formar e incentivar o desenvolvimento da criança, de ser ético, sério,

comprometido e responsável, não devemos dar a ele um diploma. É simples assim. Se o pai e a mãe não confiam na escola, não podem matricular os filhos.

E as relações ficam prejudicadas?

Podem ficar, sim. A rebeldia de crianças tem que ser tratada pelo professor, que deve ter espaço. Mas ele acaba destituído de autonomia. Como as escolas são pagas, os pais podem se sentir no direito de controlar o ambiente e exercer pressão sobre professor, diretor e filho. Que tipo de conversa o pai vai ter com o filho? Depois de passar o dia vendo o menino no vídeo, vai acabar encontrando chifre em cabeça de cavalo. Nada é mais eficiente do que pais e mães participarem efetivamente da vida escolar da criança.

Existe o perigo de os pais se acomodarem

A psicóloga e pedagoga Sílvia Lordello acredita que o uso de câmeras em escolas com transmissão pela internet podem ser positivas no sentido de tranquilizar pais e dar segurança. No entanto, a professora da Universidade Católica de Brasília ressalta que é preciso cuidado e que os pais devem ser orientados.

Qual a sua opinião sobre a presença de câmeras em salas e ambientes de uso coletivo das escolas?

Se a escola dos meus filhos tivesse esse tipo de equipamento, eu gostaria, me sentiria mais tranquila. É um bom instrumento da tecnologia para ajudar nas questões de segurança que deve, no entanto, ser usado com cuidado. Existe o perigo de os pais, por acompanharem os filhos virtualmente, se acomodarem e não investirem na relação. O fato de você poder monitorar a criança pela internet não substitui o contato do dia a dia, olho no olho.

Existem outros cuidados a serem tomados pelos pais?

As câmeras não devem ser usadas com intenções invasivas. Não é que não deva haver vigilância, mas

não dá para tomar uma atitude de detetive e atropelar o diálogo com a criança. Ela precisa ter as experiências próprias no colégio. O filho vai contar o que ele tiver vontade de dividir. As câmeras são apenas um elemento extra para fortalecer a confiança entre os pais, os filhos e a escola. O que se faz necessário é dar orientação aos pais. Por isso, a minha opinião não é contrária, mas sim de alerta.

Quais os efeitos de atitudes invasivas?

A maioria das pessoas, por uma questão cultural, tem internalizada uma postura corretiva. Com a câmera, os erros online podem provocar atitudes repressivas, broncas, que em alguns casos resultam num distanciamento entre as crianças e os pais. A criança precisa do espaço para explicar os acertos e erros. Se não for oferecido esse espaço, pode haver um afastamento.